



Força do 'lobby' muda rumo da Constituinte

BRASÍLIA — Quando viu na quinta-feira passada que um dos poderes que comanda, a Constituinte, acabava de se dobrar às pressões da União Democrática Ruralista (UDR) para que não fosse aprovado acordo de quase todos os partidos sobre a reforma agrária, o todo poderoso deputado Ulysses Guimarães comentou desolado com um assessor: "O constituinte Ronaldo Caiado decidiu".

A exibição de força de Caiado, presidente da UDR, riscando com ousadia da pauta de votação dos 559 parlamentares um texto extraído de 80 horas de negociação sobre a função social da propriedade produtiva, escancarou o jogo de influência que desde a nacionalização da exploração mineral, uma semana antes, escondia nos corredores e gabinetes da Constituinte a capacidade de os grupos de pressão (lobbies) intervirem diretamente na redação da futura Constituição.

Os lobistas lançam mão de telefones, telex, mala postal, computadores, telegramas, cartas e panfletos. São agressivos na abordagem e estão em todas as partes, seja na casa dos constituintes, em seus gabinetes, no cafezinho, nos corredores, no plenário e até nas portas de banheiros.

"Não agüento mais receber papel de lobista na porta do banheiro", queixou-se o líder do PDT, Brandão Monteiro, antes da confusão com a qual a UDR obrigou a Constituinte a ingressar no chamado *buraco negro*. O tema reforma agrária voltou às mãos do relator Bernardo Cabral para a apresentação de nova proposta, e, finalmente, nova votação na próxima terça-feira.

Recuos — "Eles ultrapassaram os limites da tolerância pela arrogância e desrespeito ao parlamento", acusou o deputado Euclides Scalco, vice-líder do PMDB, referindo-se à UDR. "Eu não aceito que a gente tenha um acordo praticamente pronto e chegue um Caiado e diga não", desabafou o deputado Joaquim Haickel (PMDB-MA), na hora em que digitava a tecla de *abstenção* na votação da reforma agrária.

A força do lobby, que será mais uma vez demonstrada em confrontos já marcados para os capítulos seguintes, como o da Ordem Social e o das Disposições Transitórias (ver página 7), mostra como a Constituinte tornou-se vulnerável a recuos que comprometem a sua legitimidade. Ela foi idealizada por Tancredio Neves e José Sarney para limitar o poder dos militares e balizar a transição democrática — mas se rendeu, submissa, ao que os militares desejam para si próprios e para o país. Foi também convocada para decidir com soberania o tamanho do mandato do presidente Sarney — mas se envolveu em transações que lhe mancharam a reputação, como a troca de votos a favor do mandato de quatro anos por estações de rádio ou tevê e outras benesses.

Quando saiu do confronto artificial entre os que apóiam Sarney e os que querem extorquir o governo, o plenário da Constituinte mergulhou num varejo que desvendou seus grandes interesses. O lobby, então, passou a ter a força de voto decisivo e deixa marcas negativas mais profundas do que as registradas na discussão do mandato do presidente e do sistema de governo. A votação do capítulo da Ordem Econômica está sendo a prova disso.



UDR jovem resolveu brindar vitória na Constituinte

Vitória entusiasma Caiado

BRASÍLIA — À meia-noite de quinta-feira, enquanto fazia a primeira refeição completa do dia — um prato reforçado de macarrão, arroz, farofa e frango — o presidente da UDR, Ronaldo Caiado, afônico, agitado e impaciente, usou imagens de futebol para justificar a celebração promovida pelo alto comando ruralista no restaurante da cobertura do hotel Aracoara. "Estamos celebrando uma vitória, sim. Grande vitória de um time afinado, que conseguiu reverter o jogo nos 45 minutos do segundo tempo. Time como o nosso, só a seleção brasileira de 70."

"Os grandes inimigos da UDR hoje são as carolinas do Chico Buarque, os Mário Covas da vida, que ficam na janela olhando o tempo passar, sem entender que a propriedade produtiva não pode ser agredida com essa história de desapropriação", protestou, entre uma e outra garfada. "As propriedades produtivas não serão desapropriadas. O que não exime o produtor rural de cumprir sua função social, com o aproveitamento racional da terra, respeito ao meio ambiente e às relações de trabalho."

Suor — Caiado acusou a Constituinte de discriminar o produtor rural, aprovando leis amenas para os setores de indústria e comércio enquanto ameaça as grandes propriedades. "Será que a guilhotina só nos ameaça porque o Mário Covas é engenheiro?" Depois da queixa, a promessa de "tirar as máscaras dos obturados mentais da Constituinte." O senador José Richa (PMDB-PR) foi citado como exemplo: "Esse, como dentista só conseguiu foi obter seu cérebro."

"Vamos mostrar que estamos unidos e somos fortes, porque defendemos o que conseguimos com o nosso suor. Não sou marajá, nunca tive nada com o governo nem do governo. Tenho coragem e não me envergonho de defender meu lucro. Por que não?", encerrou Ronaldo Caiado, com mais uma promessa: "A UDR vai dar uma lição de política e de força. Porque a gente sabe trabalhar bem 24 horas por dia quando é preciso."

Caiado não fala em *off*. É a palavra

oficial da UDR. Direto nos ataques, nas promessas. Durante o jantar, enquanto aguardava a saída da imprensa para discursar, informava que neste fim de semana 300 de seus ruralistas permanecerão em Brasília, trabalhando para a votação da terça-feira, quando chegarão mais mil companheiros.

"Essa luta é nossa. Vamos mostrar a força de nossa mobilização", prometeu.

Estratégia — Eles chegaram no começo da semana e lotaram seu quartel-general: o Hotel Aracoara, de propriedade de Wayne Faria, pecuarista e diretor administrativo da UDR nacional. Instalados, partiram para o Congresso Nacional, onde eram identificados por fitas verde-amarelas pregadas no peito. Ali, num corpo-a-corpo diário, torpedearam a aprovação do texto de reforma agrária, que previa a desapropriação das terras improdutivas. Ganharam a primeira batalha e, na noite de quinta-feira, ocuparam a cobertura do hotel para festejar a vitória, homenagear seus heróis e armar a estratégia de luta da próxima semana. Ronaldo Caiado fez mistério: "Vou combinar nossa estratégia de luta. É uma conversa nossa, reservada."

O mistério não resistiu ao clima de festa, onde os eufóricos ruralistas, orgulhosos das vitórias já colhidas, iam apontando nas conversas pistas da estratégia. "Se você bate o carro, atropela e mata uma pessoa, ou causa um grande estrago, tomam seu carro? Não. Você paga os prejuízos, assume as responsabilidades, mas mantém seu carro" — essa argumentação básica foi usada, com mínimas variações, em conversas distintas contra a desapropriação, por Armando Galotti e Marcos Prado, da UDR Jovem; Wayne Faria, da direção nacional; Nagib Abudi Filho, da regional de Londrina; e o próprio Caiado.

A uniformidade de linguagem é ponto básico da estratégia institucional de luta da UDR. O mesmo catecismo prega a manutenção do espaço na imprensa e na sociedade, festas com a marca da entidade e a desvinculação de partidos ou lideranças políticas.



Caiado (C): de camarote

CNBB usa rádio, telex e boletim

Desde o início dos trabalhos da Constituinte, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) armou silenciosa estratégia de pressão, com bons resultados. Criou um sistema que, a partir de Brasília, chega a praticamente todos os pontos do país. Para isso, a CNBB dispõe de 110 emissoras de rádio católicas, uma central de telex e a publicação de um boletim semanal que é distribuído a 5 mil assinantes e paróquias.

Além disso, ela mantém vínculo estreito com parlamentares de todos os partidos. Entre eles, católicos tradicionalistas, como Bonifácio de Andrada (PDS-MG), Victor Faccioni (PDS-RS) e Mendes Thame (PFL-SP), católicos progressistas, como Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP), ateus, como José Genoíno (PT-SP) e Roberto Freire (PCB-PE), e evangélicos, como Benedita da Silva (PT-RJ) e Lysáneas Maciel (PDT-RJ).

Todos os documentos originados nas assembleias dos bispos são também repassados às dioceses e paróquias. As posições da CNBB chegam aos fiéis em tempo recorde e o retorno se dá ali mesmo, na base, em forma de cobrança aos parlamentares. Para reforçar seu sistema de comunicação e pressão, a CNBB conta ainda em Brasília com uma equipe de 12 lobistas, dirigida pelo padre Virgílio Uchoa.

Esses lobistas frequentam o Congresso, conversam com os parlamentares, expõem suas teses e fazem a cobrança posterior. A CNBB promove ainda reuniões com os constituintes, em sua sede. Essas reuniões já contaram com as presenças de até 150 constituintes, mas o número foi baixando por causa da coincidência de horário com as sessões da assembleia. Os parlamentares são convidados para almoço ou café da manhã com os representantes da Igreja e ali expõem o que ocorre na Constituinte. Em troca, recebem orientação da CNBB.

Participaram: Christiane Samarco, Dadora Guedes, Dora Tavares de Lima, Eliane Cantanhede, Franklin Martins, Inácio Muzzi, João Domingos, Tânia Fusco e Vanda Célia

Constituição nasce para vida breve

Villas-Bôas Corrêa

Pela toada da Constituinte até aqui — e nada sugere que ela mudará a marcha na reta final — na pomposa solenidade de promulgação da futura Constituição, que o dr Ulysses Guimarães presidirá, com um olho na biografia e outro na candidatura presidencial, a oposição que como tal se identificar receberá de presente, na bandeja, a bandeira da reforma constitucional.

A Constituinte que o presidente José Sarney não quis ou não pôde liderar, bancando o anteprojeto da comissão Afonso Arinos, devidamente recauchutado, e que o PMDB abandonou, em manobra estratégica suicida, está montando um texto constitucional tão contraditório, sinuoso, descozido que antes mesmo da segunda rodada de votação e da sua limpeza gramatical já está sendo repelida por uma sociedade a amargar decepções.

A medida que se foi desgastando, na rolagem dos prazos e na leviandade com que troca de sinais, ora fingindo-se decididamente conservadora, nada nos braços do Centrão; ora refletindo para o namoro com os progressistas do senador Mário Covas e os esquerdistas do deputado José Genoíno, a Constituinte foi perdendo a identidade, desfigurando-se, assumindo as feições gaitas da caricatura.

Não há como segui-la, levando-a a sério, pelos desvios de rota, os avanços e recuos, as disparadas e as longas esperas, no empacamento das suas birras. Afinal, principiou convidando o povo para substituir o PMDB em fuga aos compromissos da campanha e do programa, armando o esqueleto a partir do nada, com a colagem

das propostas e sugestões populares. Depois se conferiu que não era para valer — apenas o gesto teatral do escapismo demagógico.

Na curva seguinte do roteiro ondulante, a Constituinte enfunou-se na Comissão de Sistematização e ignorou o plenário. Os 93 da elite da Comissão decidiram refazer o texto em acertos de uma espécie de clube fechado.

Deu no que se sabe. A maioria marginalizada do plenário virou a mesa, no instante de glória efêmera do Centrão.

Pois ainda não se vira nada. O pior estava para chegar. Até os choques no plenário, a briga pelo menos vinha sendo travada entre constituintes, divididos em blocos que substituem as legendas omissas, também sem consistência, mudando de forma a cada acerto — mas em todo o caso preservando-se o decoro da exclusividade da participação dos parlamentares, com mandato conquistado no voto. O jogo das pressões compunha o cenário sem invadir o palco. Um lado e outro buscavam ocupar as galerias, desfilavam pelos gabinetes, viajavam ou aplaudiam.

De uns tempos para cá, a deserção ostensiva do povo expulso pelas suas frustrações abriu o vazio que foi invadido pelos lobbies. A Constituinte perdeu o interesse do povo; ganhou o desembaraço humilhante da atuação dos lobistas. A casa é deles. Estão em todos os cantos, participando das reuniões das lideranças, dando palpites, impondo vetos, encaminhando substitutivos. Um descaramento de semvergonhice inédita.

Assim, não há Constituição que se agüente. A pobre coitada vai nascer enfeitada pela sociedade. Sob as mais desprimorosas desconfianças. Suspeitada de ceder a todas as influências: fardadas, endinheiradas, intimidadoras, corruptoras, oficiais. Não é de ninguém. De nenhum partido: nem o PMDB assume a paternidade. Nenhuma classe ou segmento da sociedade se apresenta para defendê-la. Todos atiram pedras na lapidação da infeliz.

Não faltará quem se disponha a empunhar a bandeira da sua reforma. Se não já, em cima do laço, na campanha para a eleição municipal deste ano, seguramente em 1989, na probabilidade da direta para presidente.

A Constituição está sendo gerada com jeito de descartável. Para breve serventia, apenas para fechar a transição e dar um tempo para a arrumação da casa. Da eleição do futuro presidente ela não escapa intacta. E de remendo em remendo acaba findando numa nova Constituinte. Quando chegar a hora das reformas para valer, das que foram prometidas, solenemente, com empenho na palavra, da mobilização das mudanças e depois esquecidas, adiadas, descumpridas.

A Constituição da mudança, antes de ser, já era.

